

A Opinião Pública no Centro de Tudo: Uma Análise da Série Bandidos na TV¹

Henrique Caixeta Moreira²

Resumo

O presente artigo se configura como um estudo promovido a partir das investigações desenvolvidas na monografia “As construções da imagem de Wallace Souza apresentadas pela série Bandidos na TV”. O texto busca refletir acerca da representação promovida pela série Bandidos na TV das vivências da opinião pública nas controvérsias midiáticas envolvendo o ex-deputado Wallace Souza. É entendido que a série utiliza de estratégias e narrativas jornalísticas para reconstruir uma experiência de incerteza sobre o caso que foi vivida pela opinião pública à época. Através dos resultados da análise de enquadramentos retirados da série, procura apontar como Bandidos na TV procura a premissa da imparcialidade ao mesmo tempo em que utiliza de estratégias sensacionalistas para criar um roteiro interpretativo pensado a partir das vivências da opinião pública.

Palavras-chave

Opinião pública; representação; sensacionalismo; imagem.

Introdução

Sociedades midiaticizadas, como a brasileira, têm como uma importante ferramenta de veiculação de sentidos culturais as mídias de massa. No caso brasileiro, a televisão se configura como uma das mídias que mais se disseminaram ao longo do território nacional e tem sua importância reforçada pelos modos de consumo televisivo. Décadas de construção de uma cultura televisiva construíram também uma cultura visual que favorece o consumo de conteúdos audiovisuais. E, ao longo dos últimos anos, vimos crescer no país uma nova forma de consumo audiovisual no país e no mundo, os streamings.

O advento dos streamings e a grande adesão desse tipo de conteúdo no Brasil favorecem olhares para os sentidos veiculados nos principais streamings. A Netflix se desponta como uma das maiores empresas do mercado global de streamings e também do mercado nacional, onde a empresa já tem mais de 17 milhões de assinantes³, superando o número de assinantes de TV a Cabo. A empresa ajudou a consolidar o mercado de streaming e a revolucionar a forma de consumo audiovisual ao redor do mundo (BURROUGHS, 2019). Oferecendo um

¹ Trabalho apresentado no Espaço de Graduação 1 - Monografias e Iniciação Científica, atividade integrante do XV Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

² Bacharel em relações públicas e publicidade e propaganda, Universidade Federal de Minas Gerais, henriquecaixetamoreira@gmail.

11/06/2021

catálogo diverso a um preço baixo, a empresa se popularizou e atualmente investe em produções próprias.

As produções da Netflix se destacam pela qualidade da produção e pelo direcionamento de público bem feito, conquistando assim, uma grande audiência. Um dos destaques da Netflix no Brasil é a série *Bandidos na TV*, que narra a história de Wallace Souza, apresentador de televisão e deputado estadual que é acusado de comandar os crimes que cobria em seu programa. Wallace foi diretor e apresentador do programa *Canal Livre*, um programa de cunho jornalístico que se tornou líder em audiência no estado do Amazonas nas décadas de 1990 e 2000.

O *Canal Livre* ficou conhecido pelas coberturas policiais e por acompanhar o trabalho da polícia de perto, indo junto aos militares em operações para registrar sua atuação, muitas vezes mostrando detalhes de corpos mortos, mutilados, carbonizados e por vezes situações com trocas de tiros e até mesmo mortes na frente das câmeras. No entanto, o programa também apresentava diversas outras atrações criando um verdadeiro espetáculo midiático com apresentações musicais, depoimentos da vida cotidiana e resoluções de problemas apresentados pela plateia como a doação de pneus para o carro de algum telespectador ou a promoção do reencontro de filhos e pais separados a muito tempo.

Bandidos na TV reconstrói a história de Wallace Souza e do *Canal Livre* a partir das denúncias de que o programa seria uma fachada utilizada por Wallace para comandar uma organização criminosa. Wallace à época tinha sido eleito como o deputado mais bem votado do estado e contava com uma reputação ilibada perante a população que estava acostumada a vê-lo como um apresentador que promovia um combate à criminalidade. O ex-deputado e seus irmãos, que também trabalhavam no programa, eram conhecidos como irmãos coragem pela população do estado por fazerem coberturas e denúncias contra o crime organizado, cobrando atitudes rígidas do ministério público. Com as denúncias de que o programa e Wallace faziam parte de uma grande organização criminosa, iniciou-se um embate midiático entre Wallace, que tentava comprovar sua inocência, e a Polícia Civil, que tentava comprovar a culpa do apresentador. A série *Bandidos na Tv* faz uma reconstrução desse embate acrescentando novos depoimentos e provas mas mascarando a data de algumas reportagens e cruzando imagens documentais com dramatizações no intuito de construir um roteiro interpretativo.

³ Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/brasil-tem-mais-assinaturas-de-netflix-que-de-tv-a-cabo-diz-analise/> Acesso em: 20.01.2021

Tendo em vista os apontamentos trazidos, fruto de um recorte da monografia “As construções da imagem de Wallace Souza apresentadas pela série Bandidos na TV”, faço um estudo sobre como as vivências da opinião pública se configuram como um elemento chave para a construção narrativa da série que utiliza de recursos do jornalismo para emular a experiência da opinião pública à época dos casos narrados. Através do tensionamento da análise de enquadramentos de Bandidos na TV, busco compreender como é feita a representação da opinião pública na série, como o roteiro interpretativo se constrói a partir da reconstrução de narrativas jornalísticas e através de quais estratégias a emulação da vivência da opinião pública se consolida.

Diante disso, na primeira sessão deste texto apresento uma breve recuperação do conceito de opinião pública e sua relação com o jornalismo ressaltando como a série representa a opinião pública em seus episódios. Em sequência faço uma pequena contextualização da tradição televisiva nacional que relaciona jornalismo policial e sensacionalismo à uma narrativa que contrasta heróis e vilões. Após essa contextualização, apresento a metodologia utilizada na monografia e os resultados obtidos na análise dos enquadramentos da série que se referem à opinião pública. Por fim, ressalto os principais pontos levantados no desenvolvimento deste estudo.

A opinião pública e o jornalismo como guias narrativos

A noção de existência de uma opinião pública é tão antiga quanto a própria noção de público mas sua definição e estudo flutuam ao longo do tempo num grande embate entre o entendimento popular do conceito e sua aplicação e definição acadêmica. Ferreira (2015) traz um levantamento histórico das raízes da conceituação de opinião pública e aponta questionamentos importantes sobre sua relação com a utilização mais comum do termo.

Podemos dizer que houve uma popularização da expressão “opinião pública” pela mídia (FERREIRA, 2015), no entanto essa popularização, de certa forma, esvaziou ligeiramente de sentido a expressão que passou a ser adotada como algo fora da realidade ou associada às pesquisas de opinião. Nesse contexto, a expressão ganhou um status de “voz moral” da sociedade se referindo a um julgamento de situações notórias pela população em geral. Na relação com as pesquisas de opinião, Cervellini e Figueiredo apontam que “como as pesquisas retratam os aspectos mais visíveis, interessantes e discutidos da opinião pública, é natural que a associação pesquisa-opinião pública seja feita” (CERVELLINI; FIGUEIREDO, 1995, p.

173). Com isso os autores apontam que apesar de abstrata existe um entendimento popular de opinião pública que é intrínseco ao próprio entendimento de públicos, onde a opinião pública seria, necessariamente, a opinião de um público determinado, no caso representada pela amostragem da pesquisa. Se tratando de pesquisas eleitorais ou de avaliação de políticos, as mais comuns, o público seriam todos os cidadãos lúcidos, maiores de idade.

No entanto, a noção popular de opinião pública ultrapassa as noções atreladas às pesquisas se configurando como uma leitura das opiniões ao redor. Assim, a opinião pública seria a opinião popular, da moda, ou da maioria da população acerca de um tema, essa população sendo imaginada por aquele que se refere à ela. Nesse ponto a expectativa do que seria a opinião pública se refere a como aquele que a procura referenciar acredita que ela seja, num gesto de auto-referenciamento. “Em 1789, verifica-se, durante a Revolução Francesa, que a opinião proclamada como sendo a do povo pertencia, na verdade, a um pequeno grupo que estava no poder.” (FERREIRA, 2015. p. 57). A opinião pública se posicionaria, para alguém, como ele acredita que ela se posicionaria baseado em seus próprios preceitos morais, preconceitos e percepções da sociedade na qual está inserido.

Os estudos da opinião pública, por outro lado, caminham para uma conceituação bem diferente da expressão, principalmente porque o conceito é central em diferentes ciências. Para a ciência política, por exemplo, Ferreira (2015) aponta que “a questão da opinião pública (a “lei da opinião ou reputação”) aparece nos escritos de Locke como uma espécie de substrato moral da sociedade. No Contrato Social, a opinião pública surge em estreita correlação com a soberania popular, as leis, os costumes e a moral.”. Locke aponta que a opinião pública se comporta como uma espécie de “lei da reputação” e que, por ela, os cidadãos que abriram mão do uso de sua força para viver em sociedade, o contrato social, reservam a si o poder de julgar, aprovar ou censurar as atitudes de outros concidadãos.

Nas Relações Públicas e nos estudos da Opinião Pública o conceito também nasce na tradição política. Cervellini e Figueiredo (1995) apontam como Habermas trabalha a opinião pública a partir da tradição democrática grega colada ao diálogo e ao debate racional. Para o autor, a opinião pública seria base de legitimação da democracia e sua existência estaria intrínseca à existência de um debate racional e da existência dos âmbitos de diálogo, a praça pública. Esta definição, pautada na racionalidade, deixa de fora aspectos emocionais mobilizadores da opinião pública e debates que Habermas considera despolitizados.

Outros autores, por outro lado, buscaram uma definição menos focada no debate. Tarde (1991) aponta que a opinião pública seria como um processo diverso do enquadramento

público onde a opinião seria a essência, a alma, do público. Para ele o conceito de opinião pública tem um caráter processual sendo relativo a um agrupamento momentâneo e de caráter lógico acerca de validações populares ou julgamentos reproduzidos em escala num mesmo país, num determinado momento, numa determinada sociedade, apontando assim a evolução de uma opinião individual para uma coletiva. Com isso, Tarde entende a opinião como algo mutável, que diz respeito apenas a um determinado momento, já que está em constante movimentação.

Um salto no entendimento histórico de opinião pública é o surgimento da imprensa e a revolução industrial que levou a um crescimento demográfico na modernidade. O alargamento das distâncias físicas entre os sujeitos constituiu uma barreira na comunicação, que agora não aconteceria de maneira comunitária tão facilmente. À distância, os indivíduos abandonaram a tradição de integração social e passaram a explorar novas formas diversas e coletivas de agrupamento, agora abandonando a noção de co-presença e incorporando a comunicação mediada, sendo o mediador a imprensa e os meios de comunicação de massa.

Para efeito metodológico de operacionalização neste artigo, a despeito da discussão maior acerca da conceituação de opinião pública, trabalharei com uma noção do conceito que advém dos estudos de Walter Lippmann. Em seu livro, *Opinião Pública* (2008) Lippmann discorre sobre diversos aspectos da opinião pública, entre eles sobre a impossibilidade do conhecimento direto da realidade pelas pessoas. Se apropriando dos estudos de Platão e da alegoria da caverna, o autor se inspira nos mundos da ideia e sensível do filósofo para propor a separação entre “mundo exterior” e as “imagens das nossas cabeças”. Para Lippmann (2008) o mundo exterior seria a realidade que buscamos acessar, os acontecimentos em sua essência e as imagens nas nossas cabeças seriam como nós avaliamos esses conhecimentos, fazendo um paralelo a alegoria de platão, seriam literais imagens pintadas nas nossas cabeças que ele chama de opinião.

Aqueles aspectos do mundo que têm a ver com o comportamento de outros seres humanos, na medida em que o comportamento cruza com o nosso, que é dependente do nosso, ou que nos é interessante, podemos chamar rudemente de opinião. As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamentos, são suas opiniões públicas” (LIPPMANN, 2008, p.40).

Lippmann (2008) aponta que essas imagens vão se consolidando ao longo do tempo, se estandardizando (FERREIRA, 2015) e com a consolidação dessas imagens enquanto representações da realidade se criam os estereótipos. Se conectando um pouco ao conceito

proposto por Tarde (1991), Lippmann aponta o caráter processual e temporal da opinião da opinião pública, apontando essa como uma média das opiniões circundantes em uma determinada sociedade, num determinado momento. Ele se aprofunda nesse entendimento e traz uma de suas principais contribuições para a conceituação de opinião pública apontando que esta tem também um caráter de “coincidência”. Isto é, divergindo de autores anteriormente citados, Lippmann não cola seu entendimento de opinião pública ao debate ou à interação pública, mas ao que, por coincidência, permeia as imagens nas cabeças da população. Outra contribuição importante trazida pelo autor é a diferença que existe entre as imagens na cabeça promovidas por uma experiência sensível e as promovidas por uma experiência mediada. Para ele, as as imagens produzidas por uma realidade observada pelo sujeito seriam mais fidedignas ao mundo exterior enquanto as mediadas seriam menos confiáveis por já terem passado por diversas adaptações, entre elas a da interpretação de um terceiro e da linguagem, além, é claro, da adaptação para a linguagem do meio.

Lippmann (2008) assume a influência dos meios de comunicação de massa em relação à opinião pública por serem estes os principais mediadores entre o mundo exterior e as imagens nas cabeças de seus interlocutores. Para o autor, a opinião pública seria resultado da ação de diversos grupos interessados na construção de uma opinião. A opinião reconhecida como pública seria, acima de tudo, as opiniões que são feitas publicamente e ditas como tal e não necessariamente as surgidas do público.

Os estudos mais recentes buscam reforçar esse caráter influenciável da opinião pública baseado principalmente na construção das opiniões através da mediação dos meios de comunicação e do caráter imparcial destes frente a informação através do jornalismo. Charaudeau (2016) aponta que a opinião pública está em disputa e que os processos de domínio da opinião pública são permeados por um jogo político de manipulação e falsas aparências, cuja premissa é esconder e maquiar as intenções do influenciador.

O entendimento desse mecanismo de ocultação de intenções é central para apontarmos a intencionalidade por trás da produção midiática (jornalística ou documental) no caso estudado e a presunção da influência à opinião pública, buscando entender através de quais mecanismos essa “maquiagem” é feita.

Sendo o jornalismo uma construção cultural, ele se desenvolve de maneiras específicas em sociedades, momentos e culturas específicas. Gomes (2011) aponta que o jornalismo brasileiro supostamente reproduziria o jornalismo independente americano, mas, como já dito, com diferenças desenvolvidas no contexto nacional.

Para entendermos a relação entre opinião pública e jornalismo, Silva (2006) propõe uma abordagem através do trabalho de Habermas. Silva (2006) procura destrinchar a noção de esfera pública proposta por Habermas (1964) relacionando-a com o jornalismo moderno. Para isso, ele separa opinião pública, espaço público e esfera pública onde a esfera pública se configura como o “processo da busca social, coletiva, institucional e, portanto, dialógica, do bem comum, o que implica, necessariamente, conflito, debate, polêmica.” (SILVA, 2006. p. 40). Nessa separação, a opinião pública está conectada à esfera pública mas elas não se confundem já que a opinião pública é fruto da esfera pública, ou seja, fruto do diálogo e dos debates sediados na esfera pública. Da mesma forma, espaço público e esfera pública estão conectados mas não se confundem, já que o espaço público tem uma certa materialidade, é possível localizar o espaço público pela separação deste do espaço privado, sendo possível inclusive apontar os espaços públicos. Para o autor, a imprensa pode ser considerada um espaço público, e o diz em diversos sentidos, tanto material quanto imaterial. Mas a aponta como tal, justamente por esta abrigar a polêmica, o debate e o diálogo, abrigando assim também, em certo nível, a esfera pública. É importante apontar que o autor não defende que a imprensa efetivamente abriga a esfera pública, mas sim se apropria desta, a tangencia e faz parte dela. Importante ressaltar também que o debate público, como entendido por Silva (2006) é o que acontece “do batente da porta” para fora, ou seja, o debate que se constrói nos espaços públicos, na esfera pública. Apontando assim que no cerne do desenvolvimento da imprensa nacional estão os debates que ganham publicidade nos espaços públicos, proposta que é bem trabalhada pela teoria do agenda setting. Com isso, entendemos que o jornalismo faz parte da esfera pública e tem papel fundamental na construção de uma opinião pública onde ele é mediador da realidade mas é também influenciado pelos atores políticos que fazem parte da esfera pública.

Na série Bandidos na TV foi percebido que o jornalismo e a opinião pública se configuram como elementos narrativos centrais. Foi possível notar diversas representações da opinião pública na série e há uma menção direta a ela em diversos episódios. Além disso, há também na trama uma preocupação constante com a influência à opinião pública.

Quando se trata da imagem de Wallace, as estratégias de influência à opinião pública utilizadas pelos personagens de Bandidos na TV ganham importância pois é através da representação dessas estratégias que a série reconstrói a história de Wallace e representa sua imagem. O caráter público das disputas apresentadas pela série fica claro ainda no primeiro episódio quando provas do envolvimento de Wallace com Moa, um criminoso preso, são

entregues aos jornais e não à Polícia Civil. A série não esclarece quem foi ou quem poderia ter sido o responsável por essa entrega, mas ali fica clara a intenção de impactar a imagem de Wallace. A partir desse ponto a opinião pública se torna alvo da disputa dos personagens. Charaudeau (2016) reforça algumas estratégias de domínio da opinião pública das quais os personagens da série lançam mão. Entre elas se destaca o escondimento das intenções. Em nenhum momento da série um personagem assume a própria intenção de prejudicar ou ajudar a imagem pública de Wallace, no entanto os jornalistas entrevistados atribuem essa intenção aos personagens. Em determinado momento da série Wallace também aponta essa intenção em um discurso veiculado pela força-tarefa da Polícia Civil enquanto mascara sua própria intenção de influenciar a opinião pública a seu favor.

Foi percebido também que a série constrói sua narrativa com o intuito de emular a perspectiva da opinião pública acerca do caso, trazendo a cada momento pontos distintos e promovendo uma percepção de imparcialidade. É importante ressaltar que a série, não busca ser imparcial em relação à narrativa. Apesar dela apresentar os dois lados da história e dar voz a quase todos os personagens, a série faz isso no intuito de produzir um roteiro interpretativo complexo que leva o interlocutor a adquirir certezas para depois derrubar essas certezas com a apresentação de novas provas. Quando não existem provas que derrubem uma determinada narrativa, a série enfatiza os argumentos do lado mais afetado numa busca por criar uma relação de paridade de forças entre as narrativas. A série constrói assim um roteiro interpretativo para guiar o interlocutor através da história proporcionando a ele a emulação de uma experiência única vivida pela opinião pública na época. Através da soma de depoimentos pró-Wallace, contra-Wallace e os depoimentos de jornalistas tidos como imparciais, a série busca configurar um embate de discursos típico da esfera pública numa tentativa de fazer uma representação de como se construía a opinião pública na época.

Foi notado também que, na construção dessa experiência narrativa que emula a formação da opinião pública à época, o jornalismo tem um papel central. É através da utilização de enquadramentos jornalísticos e do depoimento de jornalistas que a série promove uma percepção de imparcialidade. Ao confrontar os discursos contra e a favor de Wallace a série busca um balanço de forças que é quebrado pelo discurso jornalístico que dá aval a uma das linhas discursivas.

Brasil, sensacionalismo e o jornalismo policial

A série *Bandidos na TV* e a história de Wallace se referem a diversos aspectos da cultura nacional. No Brasil, existe uma tradicionalidade de programas como o Canal Livre que tem uma temática policial mas falam também, e principalmente, sobre a vida de cidadãos comuns e os dilemas vividos pela parcela menos favorecida da população. Esses programas, em geral, promovem uma espetacularização do cotidiano e podem ser enquadrados como sensacionalistas. Juntamente com o sensacionalismo, se configura como sentido chave nesses programas a narrativa de embate entre os sujeitos que seriam os cidadãos de bem e os que seriam bandidos. Essas noções são fortemente ancoradas em preceitos morais veiculados culturalmente na sociedade brasileira e a cultura à qual se refere esses preceitos tem uma tradição religiosa católica. Dentro da narrativa de embate estabelecida é construída uma relação de nós contra os outros no qual ao outro, os criminosos, não é reservado nenhum direito ou humanidade. Isso é legitimado em um discurso fortemente punitivista, marca desse tipo de programa.

Partindo do popular, por um viés mercadológico, o sensacionalismo se consolidou como um estilo e foi ganhando relevância cultural. No Brasil, podemos ligar a utilização de estratégias semelhantes ao sensacionalismo aos programas que tratavam de “histórias de interesse humano” (LANA, 2009) que começaram a surgir na década de 1960. De lá para cá, diversos programas de cunho sensacionalista ganharam notoriedade na televisão aberta. Os anos 1990 podem ser apontados como o ponto de popularização desse tipo de conteúdo, foi quando os telejornais populares conquistaram espaço na programação e começaram a se consolidar como uma tradição da televisão nacional. Franciscato (2012) aponta que, apesar de uma longa história do sensacionalismo, no Brasil, os estudos acerca do tema são relativamente recentes e assumem uma postura crítica em relação a este, que têm, culturalmente, um viés pejorativo.

O viés pejorativo do sensacionalismo remonta a um elitismo em relação às suas raízes populares, mas também se assenta sobre argumentos acerca da postura jornalística desses programas. O sensacionalismo aparece como o exagero, a distorção, a descontextualização e outras operações no intuito de espetacularizar acontecimentos que por critérios jornalísticos estritos não seriam, em nada, sensacionais. É a exploração do caráter emocional das histórias, uma inversão do conteúdo pela forma.

Maria Franz Amaral aponta também o papel do denunciismo no sensacionalismo (AMARAL, 2006, in. FRANCISCATO, 2012.). A autora fala sobre a banalização da denúncia, quando tudo se torna espetacular e digno de revolta, cria-se um espectador raivoso, propenso a aceitação de discursos de ódio, inflamados e punitivistas. Para o caso do Canal Livre isso era

11/06/2021

de extrema importância já que os apresentadores e o modelo de jornalismo praticado eram apontados como a alternativa política no combate à violência urbana e a criminalidade. Com um discurso violento e inflamado, Wallace Souza e seus dois irmãos conseguiram se eleger para cargos públicos e aumentar sua rede de influência.

Na produção do Canal Livre representada por Bandidos na TV, foi percebido algumas características sensacionalistas centrais. A ênfase às coberturas de casos de violência e a exploração estética dessa violência eram recurso narrativo do programa, e também sua marca registrada. Da mesma forma, o exagero estilístico e o apelo a sensorialidade eram também característicos do programa, não só nas performances intensas de seus apresentadores mas em sua edição, na escolha das trilhas, das atrações, das pautas e etc. Por fim, o sensacionalismo também aparecia enquanto estratégia empresarial-mercadológica que ganha contornos intensos no caso por ter sido utilizado como estratégia de divulgação política para Wallace e seus irmãos.

O programa dirigido por Wallace se configura como parte de uma tradição televisiva brasileira, o jornalismo policial. Programas de cunho jornalístico focados na atuação policial e criminal nas grandes cidades e que costumeiramente promovem uma espetacularização do cotidiano através do sensacionalismo se consolidaram como parte importante da programação de diversas emissoras e conquistaram expressivas audiências, principalmente no fim da década de 1990. Programas como Aqui e agora (SBT), 190 Urgente (CNT), Cadeia (CNT), O Povo na TV (SBT), Brasil Urgente (Band), Cidade Alerta (Record), entre outros são exemplos do gênero. Ao longo dos anos o gênero se reinventou e novas possibilidades foram sendo incorporadas aos programas que passaram a contar com diversas atrações não ligadas ao trabalho policial mas ainda focadas no conteúdo popular. Lana (2009) aponta um esforço de caracterizar esses programas mais diversos dentro de uma nova categoria chamada de jornalismo dramático.

Bandidos na TV nos mostra o Canal Livre por dentro e por fora através de depoimentos e imagens de arquivo. Mesmo na representação feita pela série é possível perceber que o programa não foge à tradicionalidade do jornalismo policial ao fomentar um discurso punitivista através de uma narrativa que contrasta heróis, os cidadãos de bem e vilões, os criminosos. Através desse confronto, aos “criminosos” não era reservado nenhum direito, a execução daqueles que cometiam crimes era requisitada pelo apresentador à Polícia Militar e seus corpos mortos eram exibidos com orgulho nas câmeras do programa. A série Bandidos na TV, por outro lado, foge à essa estética grotesca e censura essas imagens para seu público.

Assim como àqueles que cometiam crimes era reservado todo o ódio, àqueles que combatiam os crimes, principalmente os que eram representados como verdadeiros heróis do povo, os apresentadores do programa, era reservada a admiração do público. Wallace, em seu programa, era representado como um grande herói, um homem de coragem admirável e é essa imagem que é colocada em cheque pelos eventos narrados na série.

Metodologia e resultados da análise

Tendo como objeto a série *Bandidos na TV*, foi desenvolvida uma metodologia pautada na análise de enquadramentos encontrados nos episódios da série. No intuito de facilitar a operacionalização dessa análise foram recortados eventos narrativos de cada um dos episódios. O recorte dos eventos foi guiado pela pergunta de pesquisa que busca entender como a imagem de Wallace é representada para o público da série. Foram recortados oito eventos narrativos encontrados ao longo dos sete episódios da série, sendo dois destes recortados do primeiro episódio e os outros recortados cada um de um episódio. O intuito do recorte foi dar conta de toda a extensão temporal da série prestando atenção às diferentes representações de Wallace feitas ao longo dos episódios. Os eventos narrativos são acontecimentos da narrativa que têm ligação com a trama central da história, e possuem início, desenvolvimento e desfecho. Desse modo, temos trechos da série que refletem e ajudam a construir seu todo.

Recortados os eventos, cada um deles foi analisado a partir de um roteiro analítico de cinco passos. Primeiro foi feita uma breve descrição do episódio em questão, depois o reconhecimento do momento cronológico do episódio na biografia de Wallace, então a descrição do evento narrativo, considerações acerca da escolha das imagens e texto escolhidos pela série para representar o apresentador e por fim a análise dos enquadramentos que foi guiada pelas seguintes perguntas: qual o posicionamento construído em relação a imagem de Wallace? Como os embates e significados colocados em jogo dizem desse posicionamento? Como o evento se relaciona com o episódio ou a série?

As perguntas foram fundamentais para amparar a análise a partir de um mesmo olhar analítico e para entender com qual intuito diferentes representações de Wallace foram privilegiadas, como isso foi feito e como essa representação respalda um esforço narrativo maior.

Como resultado da análise foi percebido que a opinião pública é o operador narrativo central da série. A história da série é narrada a partir da disputa midiática entre Wallace e a Polícia

Civil onde ambos tentavam influenciar a opinião pública através da mídia. O modelo narrativo da série também é construído a partir dos moldes de construção da opinião pública. A série cria um embate de discursos simulando a esfera pública e cria um roteiro interpretativo pautado na emulação da experiência da opinião pública à época.

As estratégias de representação de Wallace também propõem reflexões sobre a percepção da opinião pública. Foi percebido que em momentos de grande descrédibilização de sua imagem, Wallace utilizava referências ao catolicismo no intuito de influenciar a opinião pública e colar sua imagem à imagem de um “homem de Deus”. Por outro lado, as estratégias de descrédibilização de Wallace pela força-tarefa passavam por sua associação com a criminalidade. Esse contraste entre aquele que seria um cidadão exemplar, dentro da moralidade cristã, e aquele que seria um criminoso, pautado também por uma leitura moral, é a narrativa central de programas de jornalismo policial. Com isso, a série traz a tona uma dicotomia onde os limites entre o “bem” e o “mal” não se assentam nas atitudes nem nas motivações, mas sim em quem conta a história e mais, em quem conta ela de maneira mais convincente. A série acaba de maneira aberta, deixando para o público o julgamento de culpa ou inocência de Wallace.

Considerações finais

Wallace Souza pode ser apontado como uma figura icônica da cultura nacional. A história do apresentador de jornal “sai sangue” (ANGRIMANI, 1995) que se torna o deputado estadual mais votado do Brasil e então é acusado de chefiar uma organização criminosa que envolvia um programa de televisão tangencia diversos aspectos da cultura nacional. Entre esses aspectos, destaca-se o embate midiático travado entre Wallace e os investigadores da Polícia Civil. Tanto o apresentador como a equipe de investigadores da polícia utilizaram da mídia, e especialmente do jornalismo para propor narrativas perante a opinião pública na tentativa de credibilizar seu trabalho e descrédibilizar o outro. A série Bandidos na TV faz sua própria representação desse embate e através de recursos como imagens da época, reconstituições, entrevistas e depoimentos exclusivos, constrói um novo ambiente de diálogo sobre o caso e sobre a imagem de Wallace.

Ao longo de sete episódios, o interlocutor da série é apresentado a múltiplas camadas de representação de Wallace, algumas delas dicotômicas. No entanto, foi percebido que determinadas representações são privilegiadas em sentido, para que se sobressaíam. Essas

representações privilegiadas foram encontradas nos enquadramentos centrais de cada um dos eventos narrativos recortados da série e nos ajudam a entender como *Bandidos na TV* constrói um roteiro interpretativo para o interlocutor sob a premissa de imparcialidade.

A opinião pública se configura como um elemento central para o desenvolvimento da série e se tornou um foco do olhar deste trabalho. Foi possível perceber diversas representações dela na série e a menção direta a ela ocorre em dois eventos narrativos, nos outros eventos é percebida, direta ou indiretamente, uma preocupação constante com a influência à opinião pública

Quando se trata da imagem de Wallace, as estratégias de influência à opinião pública utilizadas pelos personagens ganham importância pois é através da representação dessas estratégias que a série reconstrói a história de Wallace e representa sua imagem. A intenção em levar a investigação contra Wallace para o campo público, dar mais publicidade a um assunto que já era visto como de interesse popular, fica clara ainda no primeiro episódio quando as fotos de Wallace e Moa são entregues nos jornais. A série não esclarece quem foi ou quem poderia ter sido o responsável por essa entrega, mas ali fica clara a intenção de impactar a imagem de Wallace. A partir desse ponto a opinião pública se torna alvo da disputa dos personagens.

A série constrói um roteiro interpretativo para o interlocutor baseado na construção e destruição de certezas sobre Wallace. A produção da série utiliza da descontextualização temporal de imagens e depoimentos para favorecer esse roteiro fazendo com que o público às vezes tenha certeza sobre a inocência de Wallace (ou sobre a parcialidade do processo de investigação contra ele) e às vezes tenha certeza sobre sua culpa. Para construir essas certezas a série utiliza de provas circunstanciais, materiais, depoimentos e dramatizações, mas a validação dessas narrativas era feita através da associação à imparcialidade jornalística, especialmente através do depoimento de jornalistas que cobriram o caso na época. A série utiliza do depoimento de jornalistas como uma forma de tangenciar a imparcialidade pressuposta no trabalho destes.

Por fim, entendemos que a série se aproveita de enquadramentos jornalísticos previamente construídos para reforçar seu caráter documental e representar Wallace. Ao fazer isso, ela se apropria de diversos enquadramentos como o sensacionalismo e constrói uma narrativa rica em camadas de sentido que tem a opinião pública como um elemento narrativo central, não só da história mas também do formato narrativo.

Referências

ANGRIMANI, D. Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BURROUGHS, Benjamin. House of Netflix: Streaming media and digital lore. *Popular Communication*, v. 17, n. 1, p. 1-17, 2019.

CERVellini, Sílvia; FIGUEIREDO, Rubens. Contribuições para o conceito de opinião pública. *Opinião Pública*, Campinas, v. III, nº 3, p. 171-185, dez. 1995.

CHARAUDEAU, Patrick. A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas. São Paulo: Contexto, 2016.

FERREIRA, Fernanda Vasques. Raízes históricas do conceito de opinião pública em comunicação. *Em debate: periódico de opinião pública e conjuntura política: ano 7, n. 1 (jan. 2015)*, 2015.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo; GÓES, José Cristian. Contribuições da teoria do enquadramento para compreender o sensacionalismo no jornalismo. *Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, v. 11, n. 22, 2012.

GOMES, Itania Maria Mota. Metodologia de Análise de Telejornalismo. GOMES, Itania Maria Mota. *Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornal*. Salvador: EDUFBA, p.18, 2011.

HABERMAS, Jurgen. The public sphere: an encyclopedia article (1964). *The idea of the public sphere: A reader*, p. 114-120, 2010.

LANA, Lígia. Para além do sensacionalismo: uma análise do telejornal Brasil Urgente. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

LIPPMANN, Walter. *Opinião Pública*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008

SILVA, Luiz Martins da. *Jornalismo, espaço público e esfera pública, hoje*. 2006.

TARDE, Gabriel. *A Opinião e a Multidão*. Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária: Lisboa, 1991.